

O INFERNO DE DALLOL



Fotos: A.Savin/Wikimedia Commons

No ponto de união do Y formado por três falhas geológicas no continente africano - hoje o mar Vermelho, o golfo de Áden e o Vale do Rift - está a depressão de Danakil, uma área com mais de 100 km², onde se encontra um deserto coberto por uma camada de 2 km de espessura de sal, depositado ao longo de 200 mil anos por invasões do mar Vermelho. Sob essa camada há um magma quente que tenta emergir à superfície. Em uma das vezes em que teve sucesso, o impulso da liberação dos líquidos, vapores e gases formou uma colina, conhecida como o inferno de Dallol, na Etiópia. Na paisagem, de uma beleza indescritível, multiplicam-se fontes termais formando piscinas hipersalinas e hiperácidas, onde as temperaturas podem superar os 45°C. No inverno.

É desse salar que os afar - muçulmanos que habitam a região próxima - tiram seu sustento, cortando blocos de sal com ferramentas manuais e ancestrais, sob um sol inclemente. A ocorrência de outros sais e metais colocou Dallol na rota de grandes mineradoras e, já há algum tempo, na de pesquisadores que estudam a presença de microorganismos em ambientes extremos na Terra, um dos argumentos usados na defesa da existência de vida em outros planetas.

O enigma foi solucionado por uma equipe franco-espanhola de cientistas, liderada pela bióloga Purificación Lopez Garcia, do Centro Nacional Francês de Pesquisa Científica (CNRS), que coletou e analisou amostras das lagoas extremas do deserto etíope. Em artigo publicado no final de outubro, na revista Nature Ecology & Evolution, Lopez Garcia é categórica. O inferno de Dallol não tem vida. Resta-lhe a paisagem geológica surreal e as riquezas minerais. Ainda inexploradas.

minegaleria

